

FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: MULTILINGUISMO E CONTATO ENTRE LÍNGUAS

BRAZIL-BOLIVIA BORDER: MULTILINGUALISM AND LANGUAGE CONTACT

FRONTERA BRASIL-BOLIVIA: MULTILINGÜISMO Y CONTACTO LINGÜÍSTICO

DOI 10.55028/geop.v20i39

Sander Kaio Brandão de Souza*

Luciana Escalante Pereira**

Suzana Vinicia Mancilla Barreda***

Resumo: O estudo investiga a diversidade linguística na fronteira entre Corumbá (Brasil) e Puerto Quijarro (Bolívia), com o objetivo de identificar e analisar as línguas em circulação nessa região, bem como as dinâmicas linguísticas entre seus habitantes, mediante uma abordagem qualitativa e documental. Os resultados revelam a convivência de línguas, como português, castelhano, línguas originárias, de migração e oportunhol como prática comunicativa. Embora a diversidade seja perceptível, é frequentemente reduzida à categoria das línguas majoritárias, fato que invisibiliza as identidades e culturas locais. O estudo propõe uma reflexão sobre as ausências linguísticas e os significados socioculturais dessas escolhas na fronteira.

Palavras-chave: Diversidade linguística; Fronteira Brasil-Bolívia; Línguas em contato.

Abstract: This study investigates linguistic diversity on the border between Corumbá (Brazil) and Puerto Quijarro (Bolivia), aiming to identify

Introdução

Considerando a escassez de estudos linguísticos voltados especificamente à região de fronteira entre Corumbá (Brasil) e Puerto Quijarro (Bolívia), este estudo apresenta o recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus do Pantanal.

Com relação ao contexto fronteiriço, Nogueira (2007), propõe três formas de compreender a fronteira: A primeira, denominada fronteira controlada, é administrada pelo Estado e marcada

* Formação em Letras – Português e Espanhol pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Pós-graduado em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Metropolitana de São Paulo (2021); Mestrando em Estudos Fronteiriços (UFMS). Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Orcid: 0009-0001-5334-7046. E-mail: sander.brandao31@gmail.com.

** Formação inicial: Gestora Ambiental. Doutora em saneamento ambiental e recursos hídricos. Instituição: IFPA-Óbidos. Orcid: 0000-0002-7733-5920. E-mail: luciana.pereira@ifpa.edu.br.

*** Licenciada em Letras com habilitação em português e espanhol. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) na graduação inicial no Curso de Letras com habilitação em português e espanhol e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL/FAALC/UFMS). <https://orcid.org/0000-0002-7069-6168>. E-mail: suzana.mancilla@ufms.br.

and analyze the languages circulating in this region, as well as the linguistic dynamics among its inhabitants, using a qualitative and documentary approach. The results reveal the coexistence of languages such as Portuguese, Spanish, indigenous languages, migration languages, and Portuñol as a communicative practice. Although diversity is perceptible, it is frequently reduced to the category of majority languages, a fact that renders local identities and cultures invisible. The study proposes a reflection on linguistic absences and the sociocultural meanings of these choices on the border.

Keywords: Linguistic diversity; Brazil-Bolivia border; Languages in contact.

Resumen: Este estudio investiga la diversidad lingüística en la frontera entre Corumbá (Brasil) y Puerto Quijarro (Bolivia), con el objetivo de identificar y analizar las lenguas que circulan en esta región, así como la dinámica lingüística entre sus habitantes, mediante un enfoque cualitativo y documental. Los resultados revelan la coexistencia de lenguas como el portugués, el español, lenguas indígenas, lenguas de migración y el portuñol como práctica comunicativa. Si bien la diversidad es perceptible, con frecuencia se reduce a la categoría de lenguas mayoritarias, lo que invisibiliza las identidades y culturas locales. El estudio propone una reflexión sobre las ausencias lingüísticas y los significados socioculturales de estas elecciones en la frontera.

Palabras-clave: Diversidad lingüística; Frontera Brasil-Bolivia; Lenguas en contacto.

pela vigilância sobre entradas e saídas. A segunda, chamada fronteira percebida, refere-se à imagem construída pelas populações do interior do país, influenciada pela ideologia do Estado-Nação. Por fim, destaca-se a fronteira vivida, que constitui o foco da presente pesquisa, caracterizando-se pelo contato e pela aproximação entre sujeitos, devendo ser compreendida a partir da percepção dos próprios habitantes e da forma como se relacionam nesse espaço. O autor destaca também que a análise deve considerar o cotidiano local em suas múltiplas dimensões, como lazer, trabalho, consumo, estudos, entre outros aspectos, entremeados de acordos, embates, defesas e disputas.

Complementando essa perspectiva, Ramos Rojas (2020) recorre à metáfora da porta e da ponte, proposta por Simmel (2001), para pensar a fronteira como um espaço simultaneamente de separação e conexão. Enquanto a ponte simboliza a aproximação e a interrelação entre os lados, a porta representa a separação, sem deixar de sugerir a dualidade entre interior e exterior. Essa ambiguidade revela o papel das fronteiras como lugares que, mesmo delimitando, favorecem encontros entre sujeitos, línguas e culturas – como se observa nas dinâmicas cotidianas na região entre Brasil e Bolívia.

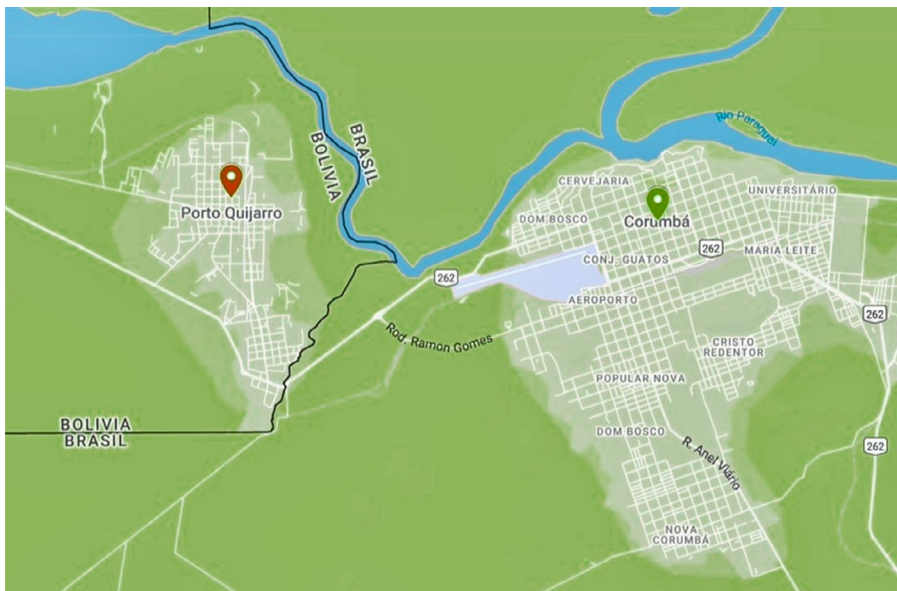
Grosso modo, a caracterização de Corumbá, apresenta uma cidade brasileira, localizada ao extremo oeste de Mato Grosso do Sul, com população

estimada em 98.751 habitantes (IBGE, 2025), fundada em 1778, é uma das cidades mais antigas do estado e destaca-se pela diversidade cultural, resultado da presença histórica de povos indígenas, bolivianos, paraguaios, árabes, entre outros. Essa diversidade se expressa em diferentes aspectos da vida local, como a culinária, a música, as tradições e as práticas religiosas.

Puerto Quijarro, fundado em 1940, oficialmente criado em 1991, é o município boliviano mais próximo à linha de fronteira com o Brasil. O acesso a esse país se dá pelo distrito de Arroyo Concepción, este último com grande movimento comercial e frequentemente visitado por brasileiros. Com uma população de 16.170 habitantes (INE, 2024), muitos dos quais procedentes de diversos departamentos bolivianos, constituindo uma diversidade que repercute na presença de falantes de línguas originárias de outras regiões, com variada gastronomia, expressões culturais e religiosidade que se estendem além fronteira. Conforme Oliveira e Loio (2019), a expansão urbana afetou a distância entre os centros comerciais de Corumbá e Puerto Quijarro, com a diminuição de aproximadamente 6 km para cerca de 2,5 km entre eles.

Corumbá e Puerto Quijarro são classificadas como cidades gêmeas pelo IBGE (2025), conformando adensamentos populacionais, com uma integração parcial, na qual a cidade brasileira atua como polo dinâmico (Mapa 1). Esse contexto apresenta potencial de integração em diversos aspectos, bem como o enfrentamento de desafios próprios e em comum, por tais motivos as cidades-gêmeas devem constituir-se em um dos alvos prioritários das políticas públicas para a zona de fronteira.

Mapa 1. Localização da fronteira entre Corumbá (Brasil) e Puerto Quijarro (Bolívia)



Fonte: Elaboração própria.

Nesse contexto, como enfatiza Delgado (2007), as ruas funcionam como espaços de pluralidade, onde ocorrem encontros, circulação de ideias e construção de vínculos, em que as línguas faladas expressam valores, crenças e símbolos que convivem e interagem no espaço fronteiriço (Mancilla Barreda, 2017).

A configuração linguística dessa fronteira é plurilíngue, dado o contato entre as línguas majoritárias — português e castelhano — e a presença de diversas línguas alóctones, de migração e línguas indígenas locais ou provenientes de outros contextos. Ademais, destaca-se o uso de uma língua de contato, aqui tratada preliminarmente como portunhol/portunhol.

Diante desse cenário de interação linguística, o objetivo desta pesquisa é mapear e analisar as línguas que circulam na fronteira Brasil-Bolívia e compreender a configuração do cenário sociolinguístico nos municípios mencionados.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, voltada à compreensão das práticas sociais e linguísticas dos sujeitos. Segundo Latour (2012, *apud* Espírito Santo, 2018), esse tipo de investigação busca detalhar como ocorrem as atividades cotidianas dos atores e como eles desenvolvem suas práticas. Além disso, Stake (2011) destaca seu caráter interpretativo, exigindo sensibilidade dos pesquisadores para atribuir significados às experiências observadas.

Os procedimentos metodológicos incluem levantamento da literatura disponível e a análise documental, que fornecem o embasamento teórico necessário para a interpretação dos dados. Essa combinação possibilita uma compreensão mais ampla da dinâmica linguística, cultural e social presente na fronteira Brasil-Bolívia.

Línguas da/na fronteira

A diversidade linguística na fronteira Brasil-Bolívia é tão variável quanto os falantes das diversas línguas presentes na comunicação cotidiana. Em seus estudos sobre identidades regionais, Mancilla Barreda (2018) destaca o surgimento de movimentos sociais e sindicatos na Bolívia voltados à promoção de direitos historicamente ignorados, materializados na Constituição do Estado Plurinacional Boliviano em 2009. Uma transformação importante nesse processo foi a valorização da identidade indígena, consolidada com a promulgação da Nova Constituição do Estado Plurinacional da Bolívia, em 2007, que evidencia a pluralidade cultural e linguística, ao reconhecer a oficialidade de 36 línguas nativas.

O multilinguismo é um fato comum na América Latina. Essa pluralidade linguística também se manifesta no contexto de Puerto Quijarro, descrito da seguinte forma no *Plan Territorial de Desarrollo Integral* (PTDI, 2016):

Los idiomas más hablados en el municipio son el castellano, portugués y en menor proporción el idioma originario ayoreo y bésiro, por la migración de la población del interior del país a las zonas fronterizas, una fracción de la población es de habla quechua y aymara (Puerto Quijarro, 2016, p. 25, destaques nossos).

No aspecto linguístico, esse documento constitui um importante instrumento para o planejamento e gestão territorial, além de registrar as línguas e identidades locais. Na versão mais recente, de 2021, não foram incluídos registros das línguas faladas no município, como ocorrera anteriormente. Essa ausência evidencia uma mudança na abordagem institucional, exigindo uma análise mais aprofundada para compreender os critérios e decisões envolvidos nesse direcionamento.

Em contrapartida, encontramos dados precisos no Instituto Nacional de Estatística da Bolívia (INE, 2024) sobre o panorama linguístico em Puerto Quijarro. Considerando a população de 16.170 habitantes com idade de quatro anos ou mais, falantes de línguas originárias, encontramos o seguinte cenário:

Quadro 1. Línguas bolivianas oficiais faladas em Puerto Quijarro

Língua	Número de falantes
Castellano	15.000
Aymara	205
Quechua	463
Bésiro	02
Guarani	04
Gwarayu	01
Zamuco	76
Movima	01

Fonte: Adaptado do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2024).

O significativo quantitativo de falantes das línguas originárias majoritárias, aymara e quechua, procedentes da região central e ocidental da Bolívia expõem o alto processo migratório interno das referidas regiões rumo à fronteira com o Brasil,

Tal resultado encontra respaldo na pesquisa de Mancilla Barreda (2017), que aponta o quéchua e o aymará, como línguas originárias mais faladas na Bolívia, especialmente nas regiões centrais e andinas (Callisaya Apaza, 2012), destacando-se

em relação às línguas minoritárias locais como o bésiro, o guarani, o Gwarayu e o zamuco (ayoreo).

Embora o quéchua e o aymara não sejam predominantes na região do Oriente boliviano – onde se localiza Puerto Quijarro – elas fazem parte do cenário sociolinguístico em que essa população migrante está fortemente envolvida nas atividades comerciais informais, o que explica a presença transnacional dessas duas línguas também no comércio informal em Corumbá, a exemplo do que acontece nas feiras livres diariamente,

Ao dar início ao seu ritual de trabalho, no momento de preparação em que os feirantes interagem entre si enquanto realizam a montagem das barracas e a organização das mercadorias, é possível ouvi-los conversando em espanhol e muitas vezes comunicam-se em suas línguas nativas, por exemplo, em quéchua e/ou aimará, tendo como fundo musical as canções bolivianas tocadas na rádio (Mancilla Barreda; Brandão; Borges, 2022, p. 234).

Os autores apontam que as feiras livres são espaços fronteiriços móveis onde as relações que se desenvolvem são complexas e implicam em discussões de território e territorialidades, manifestos nas práticas sociais, econômicas, culturais e linguísticas, considerando o plurilinguismo presente.

Ainda sobre o Quadro 1, fazemos dois destaques. O primeiro relacionado ao quantitativo de falantes de bésiro e sobre os falantes de zamuco, língua da comunidade ayorea. Em pesquisa realizada nas escolas de Puerto Quijarro, Mancilla Barreda e Conde (2023) expõem que em 2010, fundamentados no currículo regional da Chiquitania, adota-se o bésiro como segunda língua, no currículo da educação básica de Puerto Quijarro, tendo o castelhano como primeira língua, em atenção à política linguística de implementação da Lei Avelino Siñani-Elizardo Pérez, conhecida como Lei 070 (2010).

Observamos que, segundo o INE (2024), apenas há 02 falantes dessa língua nessa cidade. Tal fato nos leva a refletir sobre o desafio de ensinar uma língua que não é do conhecimento dos professores de Puerto Quijarro, conforme eles próprios manifestam nas entrevistas que compõe o artigo de Mancilla Barreda e Conde (2023, p. 26), conforme aponta uma professora: *“sí, hubo mucha discusión sobre el tema en cuestión por el motivo de que nosotros los docentes no estábamos preparados ni capacitados para dar la materia o área del bésiro-chiquitano”*.

Com relação ao zamuco, como é reconhecida a língua dos ayoreo, a pergunta que paira no ar é: por que não foi adotado zamuco, visto se tratar de uma língua originária local, especialmente se há falantes dessa língua que habitam Puerto Quijarro? A pesquisa de Mancilla Barreda e Conde (2023), expõe as vozes dos

professores locais, entrevistados a esse respeito. Um dos professores argumenta que os ayoreo pertencem a um grupo reduzido,

“[...] Son diferentes y tienen su dialecto muy particular. [...] Se los llamó, pero ellos no quisieron enseñarnos. Se optó por enseñar el besiro.” Este depoimento expressa uma visão do distanciamento social (ellos no quisieron enseñarnos), cultural (son diferentes) e linguístico (tienen un dialecto, no una lengua) dos ayoreo para com a comunidade local (Mancilla Barreda; Conde, 2023, p. 27).

Posto que a implementação da Lei 070 (2010) prevê a inclusão das línguas originárias no currículo da educação básica, com a finalidade de revitalizar as línguas minorizadas (e muitas vezes minoritárias), bem como seus falantes, era de se esperar que seria pertinente e necessário incluir o zamuco no currículo da educação básica em Puerto Quijarro, especialmente se consideramos que os ayoreo formam uma comunidade urbana em Puerto Quijarro e que esse gesto de valorização da sua cultura, poderia repercutir positivamente, visto que na prática, a comunidade *ayoreo* é invisibilizada em diferentes aspectos, vive socialmente isolados e muitos enfrentam condições de extrema pobreza e mendicância.

Consideramos que expor o mapeamento das línguas na região, não nos exime de tecer reflexões que possam contribuir com avaliações que por ventura sejam feitas das políticas linguísticas aplicadas no contexto fronteiriço em foco.

Com relação à presença das **línguas estrangeiras registradas em Puerto Quijarro**, recolhemos os seguintes dados.

Quadro 2. Línguas estrangeiras faladas em Puerto Quijarro

Língua	Número de falantes
Árabe	01
Francês	01
Holandês	02
Inglês	04
Japonês	01
Português	243
Russo	01

Fonte: Adaptado do Instituto Nacional de Estadísticas (INE, 2024).

Os dados estatísticos apresentados no Quadro 2 expõem o quantitativo de falantes das línguas estrangeiras em Puerto Quijarro, mas não nos permitem entender, qual é o papel da língua estrangeira mais falada nesse município, neste caso, o português. Para tanto, vamos fazer uso dos documentos diagnósticos lo-

cais: o *Plan de Desarrollo Municipal* (PDM) de 2001 e 2007 e o *Plano Territorial de Desarrollo Integral* (PTDI, 2016), citado anteriormente.

Ao analisar o PDM de 2001, encontramos que o português é classificado como “idioma estrangeiro”. Já no PDM de 2007, essa língua passa a aparecer entre as línguas mais faladas depois do castelhano. Tal situação se reitera no PTDI de 2016, em que o português consta entre as línguas mais faladas no município, sendo a segunda mais utilizada pela população local, o que indica sua consolidação como língua de uso cotidiano e não mais como língua estrangeira.

Cabe destacar que a mudança de status da língua portuguesa é analisada a partir dos documentos diagnósticos já mencionados, refletindo a condição de “língua em uso dos falantes, residentes em Puerto Quijarro”. Essa aquisição ocorre por meio de situações de aproximação com falantes dessa língua, pelo uso das mídias em língua portuguesa, entre outros. Muitos jovens aprendem português dessa forma, enquanto os adultos encontram maiores dificuldades. Por outro lado, constatamos que a aprendizagem da língua portuguesa não ocorre por meio do processo de escolarização, visto que o currículo local aponta para o ensino da língua inglesa como língua estrangeira na educação básica.

Numa perspectiva mais ampla, o castelhano boliviano tem características plurilíngues, marcado com os traços que evidenciam as variedades regionais dessa língua, resultando em variedades dialetais que se mantêm – porém, não de forma estável – até os dias atuais.

Em Puerto Quijarro, identificam-se duas variedades predominantes do castelhano: o castelhano-camba, falado principalmente pela população nativa da região oriental da Bolívia, onde está Puerto Quijarro, e o castelhano-colla, vinculado aos migrantes, procedentes de diferentes partes da Bolívia, caracterizado, muitas vezes, pelo bilinguismo com o quéchua e o aimará. Os movimentos de migração da região andina para a fronteira com o Brasil, adquiriu ao longo do tempo características próprias, tornando-se um importante marcador identitário para seus falantes (Mancilla Barreda; Márquez, 2022).

As observações em processo de sistematização apontam que entre os mais jovens e os recém-chegados à fronteira, é frequente a adoção do castelhano-camba, como forma de buscar a inclusão social, uma vez que essa variedade parece possuir maior prestígio na comunidade local. No entanto, essa notoriedade não está necessariamente vinculada à condição econômica, já que os comerciantes collas dominam o comércio local, desafiando, assim, a associação entre língua e poder econômico (Mancilla Barreda, 2017).

Essa realidade pôde ser observada de forma prática durante a participação dos autores de um Projeto de Extensão (UFMS-PAEXT 2018)¹, destinado ao ensino de português aos comerciantes atuantes nas feiras livres de Corumbá-MS, muitos dos quais se expressavam utilizando a variedade colla do castelhano. O projeto de extensão também revelou as dificuldades relacionadas à língua portuguesa que os comerciantes bolivianos enfrentam, desenvolvendo, junto com os compradores uma intercomunicação espontânea para efetivar o processo de compra e venda.

Ao longo deste estudo temos apontado as interações mediante as línguas majoritárias, o português corumbaense e o castelhano boliviano na fronteira Bolívia-Brasil. Tendo em conta que o comércio e serviços são eixos importantes nas relações entre os habitantes locais, a balança comercial entre um e outro país muda de acordo ao poder aquisitivo destes. Consideramos os últimos seis anos para apontar algumas mudanças entre as relações comerciais entre os fronteiriços.

Em 2019 é publicada notícia em jornal de abrangência estadual com o sugestivo título, Consumidores da Bolívia, “salvam” comércio de Corumbá (Andrade, 2019), em que se indica a bonança boliviana atrelada à estabilidade do dólar vigente nesse período.

Em resposta a essa situação, alguns comerciantes de Corumbá começaram a adotar novas práticas para atrair consumidores. Um exemplo é a notícia publicada no Diário Corumbaense (Figura 3), que, em 2020, entrevistou o proprietário de uma loja de roupas na Frei Mariano, principal via do comércio central de Corumbá. Esse comerciante passou a aceitar, além do dólar, a moeda boliviana. Essa mudança também reflete uma tendência crescente de adaptação ao contexto econômico e social da região.

¹ Essa experiência foi apresentada no *I Congresso de Português como Língua Estrangeira*, realizado na Columbia University (Nova York), e registrada no capítulo “Línguas na fronteira: ensino e aprendizagem de português para feirantes bolivianos em Corumbá-MS”, no livro **Migrações e suas subjetividades**, organizado por Eric Júnior Costa, Flávia Campos Silva e Elisa Mattos de Sá.

Figura 3. Comerciantes de Corumbá adaptam-se às mudanças econômicas e começam a aceitar moeda boliviana para atrair clientes (Cabral, 2020)

DIÁRIO * CORUMBAENSE

Comerciantes apostam em facilidades para atrair clientela

Para alavancar as vendas, alguns comerciantes buscam facilitar para os clientes, sejam corumbaenses, ladarenses ou bolivianos. Mohamad Gharib, que tem uma loja de roupas na rua Frei Mariano, contou que, além do dólar, está aceitando também a moeda da Bolívia.



Com um aviso em espanhol na frente da loja, ele consegue atrair os bolivianos e, pouco a pouco, recuperar as vendas, que durante esses cinco meses, ficaram praticamente paradas devido à pandemia do coronavírus.

Comerciante disse que de sábado para cá, movimento melhorou muito com a volta dos consumidores bolivianos

Fonte: Diário Corumbaense. Foto: Anderson Gallo (2020, recorte nosso).

É possível comprovar que, alguns comerciantes também modificaram a paisagem linguística, como forma de estabelecer uma comunicação direta com clientes bolivianos, publicando ofertas nos cartazes escritos. Entretanto, mesmo nesses estabelecimentos, os atendentes, e os comerciantes brasileiros, de um modo geral, não falam em espanhol, fazendo uso de um português misturado com espanhol, denominado, *a priori*, *portunhol* como prática comunicativa recorrente, resultante do contato entre essas duas línguas. A esse respeito, uma reportagem do *Bom dia Brasil* (GloboPlay, 2019) ilustra como o comércio de Corumbá tem se adaptado ao fluxo constante de consumidores bolivianos, que atravessam a fronteira motivados pelo câmbio favorável – com o real valendo menos de dois pesos bolivianos nesse ano – o que torna os produtos brasileiros mais acessíveis. A matéria ressalta que, para trabalhar no comércio local, “já não dá para falar somente o português, no mínimo tem que sair um portunhol”. Apesar de não haver registros de estudos linguísticos sobre o portunhol nessa região de fronteira, esse fenômeno já é amplamente reconhecido como uma ferramenta linguística essencial nas relações fronteiriças.

A partir dos estudos na fronteira entre o Brasil e o Uruguai, a pesquisadora Eliana Sturza (2019) aponta o portunhol como uma forma estratégica de comunicação, empregada em situações específicas e com propósitos determinados. Seus estudos consideram contextos onde as dinâmicas linguísticas, culturais e históricas são distintas à fronteira Bolívia-Brasil, apesar dessas diferenças, sua abordagem sobre a intercompreensão entre falantes de línguas próximas e o papel do portunhol nas práticas sociais contribui para refletir sobre fenômenos semelhantes em outras regiões.

Tomamos como exemplo a fronteira norte da Bolívia com o Brasil, Lipski (2007) desenvolveu seus estudos no Departamento de Pando, capital Cobija. Sua pesquisa evidencia que, a diferença dos estudos realizados na fronteira com o Uruguai, em que o portunhol *fronterizo* é uma variedade vernacular do português do sul do Brasil (português gaúcho), o portunhol de Cobija toma como base o espanhol. Registra, ainda, o estudioso um portuñol produzido pelos bolivianos e outro portunhol produzido pelos brasileiros nas interlocuções espontâneas.

Os estudos relativos à língua de contato entre as cidades gêmeas Corumbá e Puerto Quijarro: portunhol, portuñol ou castelhanol, como venha a ser denominado, é um tema que está em desenvolvimento. Conforme Mancilla Barreda (2017), o portunhol na região é parte das “línguas de fronteira”, isto é, repertórios flexíveis utilizados pelos falantes para negociar sentidos, reduzir barreiras linguísticas e facilitar a convivência entre brasileiros e bolivianos. Não se trata de uma variedade fixa, mas de um continuum em que falantes alternam estruturas do português e do espanhol conforme o contexto. Para muitos habitantes, o portunhol possibilita o acesso ao trabalho, ao comércio, aos serviços e às redes sociais que conectam diariamente Corumbá e Puerto Quijarro.

No âmbito educativo, o cenário em Corumbá revela uma realidade complexa entre os alunos, alguns dos quais hispanofalantes, procedentes da Bolívia, porém portadores de identidade brasileira. No âmbito acadêmico esses alunos são reconhecidos de diferentes formas, uma delas é “alunos brasileiros de origem boliviana”². Na escola, porém são reconhecidos apenas como “alunos bolivianos”. Segundo Mancilla Barreda e Conde (2024), o ambiente escolar do município registra a presença significativa desses alunos, situação que requer políticas públicas de acolhimento a essa categoria de migrantes, considerados estrangeiros ou, ainda classificados como “alunos migrantes internacionais”, portanto com amparo legal para ser matriculados no sistema educativo brasileiro.

² Alunos nascidos no Brasil, que residem na Bolívia, provavelmente com pais bolivianos ou apenas um deles. Esta é uma das definições desses alunos. Porém os arranjos são diversos. As vezes esses alunos residem em Corumbá, deixando de ser classificados como pendulares, mas, mesmo residindo no Brasil, ainda assim são denominados bolivianos na escola.

Com relação à política linguística que organiza o sistema educativo em Corumbá, as autoras destacam algumas iniciativas legislativas que buscaram fortalecer a presença do espanhol no currículo escolar, como a lei nº 1.322/1993 e a lei nº 2.282/2012, que previa o espanhol como segundo idioma em Corumbá, visando valorizar a cultura local. Já a lei nº 2.486/2015 também inclui ações para fomentar a cultura latina e o ensino do espanhol na rede municipal. Como observam Mancilla Barreda e Conde (2024), a língua deve ser compreendida não como um conteúdo escolar, mas como uma prática social vinculada as expressões culturais, identidades e pertencimentos fronteiriços.

Com relação às línguas originárias assentadas em Corumbá, mencionamos o Guató, considerado um povo transfronteiriço cuja língua encontra-se silenciada, devido à falta de falantes da mesma. Apesar dos esforços por parte de alguns descendentes dessa cultura e de estudiosos, a língua guató se encontra em risco de extinção, o que gera impactos culturais significativos. Segundo Bumlai (2022), essa língua se encontra no nível 4, conforme critérios da UNESCO, o último antes de sua extinção. O silenciamento de uma língua vai além da simples perda da comunicação entre seus falantes, pois há uma conexão inseparável entre língua e cultura, envolvendo identidade, culinária, medicina, histórias e saberes populares.

Apesar da situação crítica em que se encontra a língua Guató, existem aspectos positivos que contribuem para sua preservação. De acordo com Bumlai (2022), a comunidade da Aldeia Uberaba, junto com sua liderança, demonstra um grande interesse em resgatar a sua língua, a cultura e a identidade de seu povo, buscando sua retomada.

Aproximadamente a 350 km do município de Corumbá, está localizada a Escola Estadual Indígena João Quirino de Carvalho – “Toghopanaã”, situada no coração da Aldeia Uberaba. Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a língua Guató é ensinada como disciplina regular no currículo de todas as séries, sob o nome de “Língua Étnica Guató”, porém, os professores relataram dificuldades relacionadas ao conhecimento da estrutura da língua e à escassez de materiais didáticos.

Fora do ambiente escolar, a língua guató não está presente no cotidiano da fronteira Brasil-Bolívia. Não há registros de falantes ativos da língua na área urbana. De acordo com reportagem do Correio do Povo (2022), o último indígena conhecido a falar fluentemente a língua guató é Vicente Manoel da Silva, que vive de forma isolada à beira do Rio São Lourenço, no Pantanal sul-mato-grossense. Ele afirma: “Todos com quem eu falava já morreram”.

Quanto à presença simbólica da língua ou de referências à etnia no espaço público, observa-se que existem elementos que fazem menção ao povo Guató, como o bairro Guatós e o Poliesportivo Nação Guató, localizado no Bairro Centro América, onde são desenvolvidas diversas atividades esportivas e comunitárias. No entanto, esses registros são nominais e não apresentam a língua guató em uso escrito. Além disso, a presença política e social da etnia também se manifesta por meio de lideranças locais, como Anísio Guató, professor de geografia e ativista, que já disputou diversos cargos eletivos em Corumbá, embora não tenha sido eleito.

Enquanto a visibilidade guató está fortemente associada a expressões simbólicas e a resistência identitárias, outras comunidades da cidade estabelecem sua presença de maneira distinta, a exemplo das comunidades falantes de árabe em Corumbá.

Tendo em vista que não foram encontrados registros de estudos linguísticos voltados ao uso da língua árabe na fronteira em foco, utilizamos pesquisa sobre a presença da comunidade de falantes de árabe em Corumbá. Os estudos apontam que a língua árabe está relacionada à expressiva comunidade árabe da cidade, composta por aproximadamente 95% de palestinos. No final do século XIX, a cidade consolidou-se como um importante polo comercial.

Conforme Rosa e Castelão (2014), a história registra que o desenvolvimento de Corumbá como um porto de grande importância na navegação fluvial na região, representava uma grande oportunidade econômica que atraiu imigrantes de diversas partes do mundo – especialmente sírios, palestinos e libaneses – conhecidos como “turcos” pelos corumbaenses.

Para exemplificar a presença dos árabes, em 2023, foi realizada uma passeata pelas principais ruas do Centro de Corumbá em protesto contra os massacres na Faixa de Gaza e em defesa da paz (Figura 4). A manifestação reuniu palestinos e seus descendentes, muitos dos quais são comerciantes, evidenciando como o vínculo histórico com sua cultura de origem continua vivo no espaço público da cidade.

Figura 4. Passeata da comunidade palestina em Corumbá, evidenciando sua presença na cidade e reafirmando a sua identidade cultural e social



Fonte: Diário Corumbaense. Foto: Anderson Gallo (2023, recorte nosso).

Os árabes, segundo Rosa e Castelão (2014), participaram e continuam participando ativamente da economia local, tendo se tornado importantes agentes no processo de crescimento e desenvolvimento de Corumbá ao longo do tempo. A experiência e familiaridade com o comércio contribuíram para a consolidação de diversos estabelecimentos, sobretudo na área central. A língua árabe ainda circula entre os membros da comunidade, especialmente no ambiente familiar³, onde também se preservam tradições culturais e religiosas.

Em suma, o panorama linguístico na fronteira Brasil-Bolívia é marcado por uma complexa convivência entre línguas originárias, nacionais, estrangeiras e de

³ Em conversa informal com um morador de Corumbá, de origem libanesa, foi relatado que, em sua convivência com famílias palestinas, libanesas e sírias, o árabe, de modo geral, é conservado no convívio familiar – ambiente em que também são mantidas as tradições, os costumes e a cultura de forma mais ampla. Ainda segundo o relato, o aspecto religioso mostrou-se mais presente entre a segunda e a terceira geração, já que a primeira não foi tão explícita nesse aspecto.

contato. Muitas vezes, essa diversidade é reduzida a generalizações como “português” e “castelhano”, concepção que pode ocultar a riqueza linguística e cultural presente no cotidiano fronteiriço. Essa diversidade também se manifesta na paisagem linguística da fronteira, com suas implicações para o reconhecimento e valorização dos usos e representações das línguas nos diferentes ambientes.

Considerações ao finalizar

Tendo em vista que a pesquisa ainda está em andamento, os resultados preliminares revelam um cenário sociolinguístico complexo e dinâmico na região de fronteira entre Brasil e Bolívia, marcado pela circulação de múltiplas línguas. Ainda sem conclusões definitivas, os dados continuam em processo de análise e sistematização. Até o momento, o estudo destaca as línguas predominantes como o português e o castelhano boliviano, além de variações linguísticas importantes, como o castelhano-quéchua, castelhano-aimará, bésiro-chiquitano, zamuco, árabe e guató. No entanto, essa diversidade, frequentemente resumida em generalizações como “português” e “castelhano”, fica escondida, o que acaba por ocultar a riqueza linguística e cultural presente na região fronteiriça.

Conforme exposto e discutido ao longo desta pesquisa, as línguas de colonização majoritárias — o português e o castelhano — ocupam uma posição de privilégio em relação às línguas minoritárias, que também sofrem processos de minorização. Esse termo refere-se à vulnerabilidade social e à perda de direitos linguísticos vivenciadas por determinadas línguas e seus falantes. Tal situação ocorre, de modo particular, com as línguas indígenas, algumas das quais caminham para o silenciamento devido à diminuição de seus falantes, como é o caso do bésiro e do guató. Por outro lado, o isolamento social ao qual os ayoreo e sua língua, o zamuco, têm sido submetidos também constitui uma forma de minorização, pois expõe à perda de um patrimônio humano e cultural que deixa de ser vivenciado e transmitido.

Fica evidente, também, que o papel do português e do castelhano, dados os usos linguísticos apresentados neste estudo, funcionam conforme as condições de poder imposto pelo câmbio das moedas dos países vizinhos, mas também entram em jogo aspectos de valoração social, de prestígio apoiado em crenças que outorgam status social à língua portuguesa em detrimento da língua espanhola, fato observado no ambiente escolar, por exemplo, fator que se constitui em um desafio enfrentado dia a dia na escola, em especial nas escolas de Corumbá.

Assim, o estudo busca aprofundar a reflexão sobre o papel das línguas na configuração sociocultural da fronteira Brasil-Bolívia. O mapeamento linguístico

fronteiriço, ao revelar a distribuição espacial, os contatos e as dinâmicas de uso das línguas em zonas de fronteira, torna-se ferramenta central para a formulação de políticas linguísticas sensíveis às realidades locais.

Ao identificar práticas multilíngues, fluxos migratórios e assimetrias de prestígio entre línguas, esse tipo de mapeamento fornece evidências empíricas que orientam ações de planejamento linguístico, em sua concepção de políticas linguísticas de base ecológica, seguindo o modelo do “continuum bilíngue”. É importante considerar que em contextos fronteiriços, a cartografia sociolinguística permite compreender como fatores históricos, identitários e institucionais moldam usos linguísticos — oferecendo subsídios para políticas públicas que promovam e valorizem o multilinguismo e a proteção das línguas minoritárias.

Referências

- AE. O último indígena a falar a língua guató. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 17 dez. 2022. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/artegenda/o-%C3%BAltimo-ind%C3%ADgena-a-falar-a-l%C3%ADngua-guat%C3%B3-1.938226>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- ANDRADE, Silvio, Consumidores da Bolívia “salvam” comércio de Corumbá. **Correio do Estado**, 03 ago. 2019. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/economia/consumidores-da-bolivia-salvam-comercio-de-corumba/358028/>. Acesso em: 10 out. 2025.
- BOLÍVIA. **Ley Nº 070/2010. Ley de educación “Avelino Siñani – Elizardo Pérez”**. La Paz. Asamblea Legislativa Plurinacional, 2010. Disponível em: http://www.cedib.org/post_type_leyes/ley-070-educacion-avelino-sinani-diciembre-2010/>. Acesso em 15 mar. 2015.
- BOM DIA BRASIL. Milhares de bolivianos cruzam a fronteira para fazer compras em CorumbáMS. **GloboPlay**, 7 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7280885/>. Acesso em: 21 jun. 2025.
- BRANDÃO, S. K.; MANCILLA BARREDA, S. V. Representações linguísticas e culturais nos anúncios publicitários na área urbana em Arroyo Concepción – Fronteira Bolívia Brasil. **Revista GeoPantanal**, Corumbá/MS, v. 35, p. 151-169, 2023.
- BUMLAI, D. U. M. **Análise metalexicográfica de uma obra indígena Guató**. 2022. 205 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2022.
- CABRAL, L. Ativista Anísio Guató retorna para Corumbá após sofrer AVC e passar por cirurgia. **Diário Corumbaense**, Corumbá, 27 jan. 2023. Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=136154>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- CABRAL, L. Com a abertura da fronteira, movimento de bolivianos é intenso no comércio de Corumbá. **Diário Corumbaense**, 11 set. 2020. Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=119723>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- CABRAL, L. Comunidade palestina em Corumbá pede fim de massacre em Gaza. **Diário Corumbaense**, 18 out. 2023. Disponível em: <https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=141167>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- CALLISAYA APAZA, G. **El español de Bolívia. Contribución a La dialectología y a la lexicografía hispanoamericanas**. 2012. 439 f. Tese (Doutorado em Linguística) Facultad de Traducción y Documentación. Departamento de Traducción e interpretación. Universidad de Salamanca, Salamanca, Espanha, 2012.

COSTA, G. V. L. Os bolivianos em Corumbá-MS: conflitos e relações de poder na fronteira. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 35-63, abr. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n1p035>.

DELGADO, M.; MALET, D. **El espacio público como ideología**. Artigo. Jornadas Marx Siglo XXI, Universidade de La Rioja. Longronho, 2007.

DELGADO, M. **El espacio público como ideología**. Madrid: Los libros de la Catarata, 2011.

ESPÍRITO SANTO, A. L. do. O Uso de Fotografias e Vídeos em Pesquisa Qualitativa: em Busca de um Novo Olhar sobre os Territórios Fronteiriços. **Revista ADM.MADE**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 13-34, 2018. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/admmade/article/view/5438>. Acesso em: 4 abril. 2025.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**: população estimada. Corumbá, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 out. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA. Estado Plurinacional de Bolivia. **Censo nacional de población y vivienda 2024**. Idioma. La Paz, 2024. Disponível em; <https://cpv2024.ine.gob.bo/index.php/resultados/sociales-y-economicas/resultados-caracteristicas-soc-eco-idioma/>. Acesso em: 25 out. 2025.

LIPSKI, J. El español de América en contacto con otras lenguas. In: ACORTE, M. (coord.). **Lingüística aplicada del español**. Madrid: Arco Libros, 2007. p. 309-346.

MANCILLA BARREDA, S; V. Um olhar às línguas em circulação em Puerto Quijarro (BO) fronteira com Corumbá (BR). **Revista GeoPantanal**, Corumbá, v. 12, p. 145-162, 2017.

MANCILLA BARREDA, S. V. Um olhar às identidades regionais bolivianas em contexto de fronteira: limites Bolívia-Brasil. **REVELL - Revista de Estudos Literários da UEMS**, [S. l.], v. 1, n. 18, p. 152-176, 2018. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/2390>. Acesso em: 10 abril. 2025.

MANCILLA BARREDA, S. V.; BRANDÃO, S. K. S.; BORGES, T. A. Línguas na fronteira: ensino e aprendizagem de português para feirantes bolivianos em Corumbá-MS. In: COSTA, E. J.; SILVA, F. C.; SÁ, E. M. de. (Orgs.). **Migrações e suas subjetividades**. 1. ed. Belo Horizonte: Mosaico Produção Editorial, 2022. v. 1, p. 230-248.

MANCILLA BARREDA S. V.; CONDE, M.V. Panorama das legislações no ensino de bésiro e sua repercussão em Puerto Quijarro - Bolívia. **Revista Letras (UFMS/ON-LINE)**, Santa Maria, v. 1, p. 19-31, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/73750>. Acesso em: 15 out. 2025.

MANCILLA BARREDA, S. V.; GARCIA MÁRQUEZ, K. E. Panorama do castelhano boliviano na fronteira Bolívia-Brasil. In: PINTO, C. F.; BUGEL, T. (org.). N. 74 – Número especial: **Os 30 anos do Mercosul e o ensino de espanhol no Brasil**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2023. p. 243-269.

NOGUEIRA, R. J. B. Fronteira: espaço de referência identitária? **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 27-41, 2007. DOI: 10.5216/ag.v1i2.3013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/3013>. Acesso em: 8 ago. 2025.

OLIVEIRA, M. A. M.; LOIO, J. A. de M. Migração internacional pendular em fronteira: em busca de qualificações espaciais. **Revista Videre**, [S. l.], v. 11, n. 21, p. 54-67, 2019. DOI: 10.30612/videre.v11i21.9069. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/videre/article/view/9069>. Acesso em: 22 maio. 2025.

PUERTO QUIJARRO. **Plan de Desarrollo Municipal (PDM)**. Santa Cruz: Gobierno Municipal de Puerto Quijarro, 2001.

PUERTO QUIJARRO. **Plan de Desarrollo Municipal (PDM)**. Santa Cruz: Gobierno Municipal de Puerto Quijarro, 2007.

PUERTO QUIJARRO. **Plan Territorial de Desarrollo Integral (PDTI)**. Santa Cruz: Gobierno Municipal de Puerto Quijarro, 2016.

RAMOS ROJAS, D. N. La triple frontera: propuesta conceptual para explicar las dinámicas de la región fronteriza entre México y Guatemala. **Inter.c.a.mbio [online]**, v. 17, n. 2, p.49-78, 2020. ISSN 1659-4940. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15517/c.a..v17i2.43760>.

RAMÍREZ-LUENGO, J. L. El léxico del oriente boliviano en el siglo XVIII: una aproximación. **Lexis**, [S. l.], v. 36, n. 1, p. 107-128, jul. 2012. Disponível em: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/lexis/article/view/2767>. Acesso em: 16 jun. 2025.

ROSA, M.; CASTELÃO, R. A. Os árabes em Corumbá: uma rede de cooperação. **Albuquerque - Revista de História**, v. 6, n. 12, p. 70-86, jul./dez. 2014.

SIMMEL, G. El individuo y la libertad. Ensayos de crítica de la cultura. Las grandes urbes y la vida del espíritu. **Revista de Estudios Sociales**, [S. l.], v. 1, n. 10, p. 107-109, 2001. DOI: 10.7440/res10.2001.12. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/res/article/view/5244>. Acesso em: 6 out. 2025.

STAKE, R. E. **Pesquisa Qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

STURZA, E. R. Portunhol: a intercompreensão em uma língua da fronteira. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, v. 81, n. 1, p. 97-113, 2019.